

MAGALI MENDES DE MENEZES
CARLOS EDUARDO SPERB
ALESSANDRA DE OLIVEIRA PETRY
WAGNER MACHADO DA SILVA
OLÍVIA DE ANDRADE SOARES
(ORGANIZADORES)

DIREITOS

HUMANOS

EM DEBATE

educação e marcadores sociais da diferença

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2019.
1º edição - 2019

Edição, Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles
Revisão e Normatização: Mauro Meirelles e Jeferson Mello Rocha
Transcrição dos áudios: Maria Petrucci
Fotos: Luis Ventura, Ana Letícia Meira Schweig, Sofia Pulgatti,
Carlos Eduardo Sperb, Paulo Josué Goulart da Silva
Capa: Luciana Hoppe e Carlos Eduardo Sperb
Impressão: Copiart
Comitê de Organizadores do Evento: Magali Mendes de Menezes,
Maria Aparecida Bergamaschi, Russel Teresinha Dutra da Rosa,
Rosângela Rodrigues Soares, Dagmar Estermann Meyer, Fernan-
do Seffner, Caroline Pacievitch, Karine dos Santos, Mariangela
Bairros, Leandro Rogério Pinheiro, Rita Camisolão, Suzi Webber
Tiragem: 300 exemplares impressos em dualtone e 700 para dis-
tribuição on-line.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D598 Direitos humanos em debate : educação e marcadores sociais da
diferença / Magali Mendes de Menezes ... [et al.] (orgs.). -
Porto Alegre: CirKula, 2019.
440 p.: il.

ISBN: 978-85-7150-018-1

1. Direitos humanos: educação. 2. Interculturalidade. 3. Povos
indígenas. 4. Socioeducação. 5. Arte. 6. Gênero. I. Título. II. Menezes,
Magali Mendes de. III. Sperb, Carlos Eduardo. IV. Petry, Alessandra
de Oliveira. V. Machado, Wagner. VI. Soares, Olívia de Andrade.

CDD 323.1

Bibliotecária responsável: Débora Jardim Jardim – CRB 10/1598

Editora CirKula
Av. Osvaldo Aranha, 522 - Loja 1 - Bomfim
Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190
e-mail: editora@circula.com.br
Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

O QUE A ARTE TEM A VER COM OS DIREITOS HUMANOS

Carlos Eduardo Sperb
Alessandra de Oliveira Petry

Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma.

Augusto Boal

Os deslocamentos que uma vivência artística nos proporciona, no que se refere à rotina do dia-a-dia, daquilo que é esperado ou que está posto como normalidade, têm a capacidade de provocar revelações. Uma vez que esse tipo de experiência propicia rupturas, sobretudo em termos de comportamentos, é justamente pela suspensão ou alteração na ordem dessas atividades programadas, que ela causa, mesmo que apenas temporariamente, uma interrupção nos condicionamentos, criando um espaço para o questionamento de padrões, de tudo que está posto como dogma ou regra.

Assim, quando um local de convivência como a rua recebe uma intervenção teatral, uma performance, abre-se um portal, um intervalo no qual se estabelecem transferências, aproximações e distanciamentos, em que se articula e se exercita uma inteligência sensível que nos permite acessar o intangível, indo além de uma compreensão puramente racional da observação. Nesse outro *espaço-tempo* que se produz, o que é concreto, objetivo — e que se constitui numa esfera mais superficial, permitindo apenas análises e concepções mais ligadas a esquemas do cotidiano, sua rotina e suas obviedades —, dá lugar a algo que se desenvolve em campos sensoriais mais profundos, promovendo envolvimento, fascínio, inspiração, enfim, uma gama imprevisível e ilimitada de reações e sentimentos. E é nesse plano que acontecem os *insights*, os lampejos, as epifanias, suscitando entendimentos que poderão originar mudanças em cada indivíduo.

A arte da performance trabalha na ação de cooptar a atenção do outro não somente para a encenação, mas especialmente para a própria existência. Seu objetivo não é o de ser apreciada unicamente como um fazer artístico a ser observado à distância, mas sim influir em mudanças de pensamentos e condutas. Nesse sentido, a possibilidade da participação mais efetiva do transeunte, atuando “dentro” da cena, é uma das mais bem-vindas ocorrências e proezas com que esse acontecimento pode contar e promover. E foi justamente isso que ocorreu durante as apresentações do grupo de teatro que participou do *Direitos Humanos em Debate*, ao trazer a prática cênica para o convívio com as pessoas no pátio da Faculdade de Educação da UFRGS, como complemento e acréscimo às discussões e palestras que tiveram lugar, internamente, em salas da universidade.

Se a arte, sendo uma manifestação individual ou coletiva de visões de mundo, por si só já possui a característica de constituir e expressar a política ou o “ser político”, com sua prática radical de participar e se imiscuir na vida das pessoas, a performance traz, de forma ainda mais potente, esse espírito de engajamento. Some-se a isso o fato de que o átrio da Faced/UFRGS tem, já há algum tempo, se configurado como uma verdadeira *ágora* (símbolo da democracia e expressão máxima da esfera pública da antiga Grécia, espaço no qual se praticava a cidadania). Esse local de passagem e também de parada, misto de caminho e praça (com suas árvores que tanto lhe embelezam e o tornam aprazível), dentro da universidade, é ainda mais fortemente referendado como ideal para esse tipo de atividade por fazer parte de um campus, um ambiente onde os pensamentos e as ações se orientam e se manifestam predominantemente com um propósito educacional, pedagógico. Pois foi ali que os atores e atrizes do DAD, o Departamento de Arte Dramática da UFRGS, orientados pela professora Suzane Weber, praticaram suas manifestações artísticas. A atuação, nesse contexto, ganha outros contornos e relevância: trata-se também de intervir, protestar, reunir, analisar, influenciar, conectar, mobilizar, agregar, propor. A arte não precisa, necessariamente, apoiar-se numa causa coletiva; nesse caso, porém, por se tratar de um evento relativo aos Direitos Humanos, e tendo como base esse contexto, o teor social das apresentações foi deliberadamente manifesto.

Além disso, há o aspecto da criação em si. Quando se engendra algo, se inventa o novo, ou se inventa de novo; ou seja, se

produz algum conhecimento, entendendo-o aqui como sinônimo de cultura, sabedoria, apreensão, experiência, perícia, informação, convivência, etc. Tendo em mente que o significado original da palavra filosofia, do grego *Φιλοσοφία*, *philosophia*, é literalmente “amor pela sabedoria”, pode-se dizer que, sendo igualmente uma investigação da dimensão do mundo para além das aparências e que comporta análises de problemas relacionados à existência, essa produção possui também, em certa medida, qualidades filosóficas. Mexendo com a razão, a emoção e os sentidos, no convívio direto, a performance cênica contém a força de uma vivência.

Finalmente, se a isso tudo ainda associarmos (e ponderarmos sobre) os processos de empoderamento de minorias, a avaliação e a afirmação das diferenças como características individuais a serem respeitadas e consideradas (e não como problemas), assim como os lugares de fala (com iniciativas que pretendem dar voz a uma infinidade de grupos e gentes que normalmente estão à margem em uma sociedade injusta), experiências como as que o grupo de artistas do DAD proporcionou durante o ciclo de debates que teve lugar na UFRGS, demonstram o quanto a arte tem a ver com os Direitos Humanos, não apenas como possibilidade de reflexão, mas sobretudo como sua representação.